TURISMO DE NATUREZA: A RELAÇÃO HOMEM/NATUREZA E SEUS DESDOBRAMENTOS A PARTIR DESSA CATEGORIA DE TURISMO

Fabio Orlando Eichenberg[1]

Charlei Aparecido da Silva

RESUMO

O turismo de natureza se posiciona no cenário de expansão do turismo no Brasil como um dos segmentos que mais atrai investimentos e mais recebe turista. Com o advento de novas tecnologias e a preocupação com uma experiência segura, hospitaleira e de qualidade tem promovido permanentemente a qualificação em busca da minimização dos riscos, inerentes a essa modalidade de turismo na natureza. Isto posto, esse artigo visa estabelecer um raciocínio acerca da relação sociedade, natureza, turismo e hospitalidade, apontando elementos do discurso de aproximação pautado nas categorias de ecoturismo e turismo de aventura que compõem parte do segmento de turismo de natureza. Para além tenta estabelecer raciocínio frente às diferenças entre a categoria esportiva de aventura e o turismo de aventura. No entanto esse artigo não pretende solucionar, mas apenas incentivar o debate frente às possibilidades de desenvolvimento de um modelo de turismo que ofereça níveis de qualidade internacional e respeite as capilaridades de praticantes e gestores do turismo.

Palavras-chave: turismo; sociedade/natureza; ecoturismo; turismo de aventura.

RESUMEN

El turismo de naturaleza se encuentra en situación de expansión del Turismo en Brasil como uno de los hilos que atrae a más turistas y recibe inversiones. Con el advenimiento de las nuevas tecnologías y la preocupación por una experiencia segura y calidad ha promovido permanentemente a la calificación para la minimización de los riesgos inherentes a este tipo de Turismo en la naturaleza. Dicho esto, este artículo pretende establecer un razonamiento sobre el turismo y la relación sociedad y naturaleza, señalando los elementos del enfoque del discurso en Turismo de aventura y ecoturismo que forman parte del segmento de Turismo de naturaleza. Además de los intentos de establecer razonamiento contra las

[1]Ambos os autores são membros do Laboratório de Geografia Física da Universidade Federal da Grande Dourados (MS). Respectivamente (autor) Bacharel em Turismo e estudante de Pós-graduação em Geografia Fábio Orlando Eichenberg, (eichenberg10@gmail.com), e Dr. Charlei Aparecido da Silva (co) autor: charleisilva@ufgd.br. Agradecimentos também a CAPES pelo aporte financeiro a pesquisa.

diferencias entre los deportes de aventura y el turismo de aventura. Sin embargo, este artículo no está pensado para solucionar, pero sólo alentar debate contra las posibilidades de desarrollar un modelo de turismo que ofrezca los niveles de calidad internacional y observe las capilaridades de los directores de turismo y profesionales.

Palabras llave: turismo; sociedad y naturaleza; ecoturismo; turismo y aventura.

ABSTRACT

Nature tourism stands on expansion scenario of tourism in Brazil as one of the threads that attracts more and more tourists to receive investments. With the advent of new technologies and the concern for a safe experience and quality has promoted permanently to qualification for the minimization of risks inherent in this type of tourism in nature. That said, this article aims to establish reasoning on the relationship nature society, aiming to approach guided by elements of the speech in the categories of ecotourism and adventure tourism that make up part of the nature tourism segment. In addition to attempts for the establish reasoning against the differences between category adventure sports and adventure tourism. However this article is not intended to troubleshoot, but just encouraging discussion against the possibilities of developing a tourism model that offers international quality levels and observe the capilaridades of tourism managers and practitioners.

Key Words: tourism; Society and Nature; ecotourism; adventure tourism.

Introdução

A relação homem natureza por vezes transpassa o romantismo que cerca o discurso contemporâneo pautado apenas no meio ambiente. Essa relação se dá de maneira efetiva no sentido de dominação totalitária e, em alguns momentos da evolução humana e da sociedade a natureza foi elevada ao patamar de moeda e serviu como combustível mercantil. Erro grosseiro tendo em vista a interconectividade que a natureza exerce com o homem e sobre o homem.

Fazendo um recorte histórico, ao olharmos para a Hipótese de Gaia retomada pelo médico Inglês James Lovelock nos anos 1960, percebemos as premissas dessa interconectividade através da evolução. Para aquele cientista a Terra é um elemento vivo e autorregulador. Esta idéia remonta as observações de

detecção de vida em Marte e que impeliram o cientista a refletir que se os gases que compõem nossa atmosfera estivessem em equilíbrio químico como na análise de seus experimentos, nossa atmosfera apresentaria outra composição. (Sheldrake, 2001 *apud* Camargo 2005).

Lovelock acreditava que o equilíbrio que permite a vida como conhecemos esta relacionada a um processo de inter-relação que envolve todos os elementos vivos e não vivos e a própria dinâmica do planeta Terra. Segundo Camargo 2005

> nesse sentido, essas relações otimizam as condições contemporâneas da biosfera.E Gaia, seria uma entidade auto – reguladora com capacidade de manter nosso equilíbrio e a vida atual como a conhecemos graças ao seu autocontrole do meio ambiente físico e químico. Uma de suas atividades seria a de manter a temperatura do planeta em níveis aceitáveis a nossa existência. (CAMARGO, L. H. R, 2005, p.197)

Para os autores (Lovelock, 1990; Sheldrake, 1991; Simmons, 1993 *apud* Camargo 2005) essa interconectividade incluiria também a própria manutenção da vida atual no planeta, que, dentro de uma relação de troca, também interferiria no equilíbrio do todo.

A partir dessa breve análise da retomada da teoria de Gaia podemos apontar alguns condicionantes da relação homem natureza que são observáveis no fenômeno turístico. Tomando a categoria de ecoturismo como exemplo percebe-se que sua ideologia aponta para uma maior proximidade do homem com a natureza, ou seja, “Articular sociedade e natureza no processo evolutivo planetário” (CAMARGO, 2005 p. 199).

No âmbito da ciência geográfica essa aproximação para Milton Santos tem hoje na categoria de espaço geográfico um caráter cada vez mais artificial. Que dimensiona uma natureza que está, ou esta sendo tecnificada. Para aquele autor “a natureza primitiva foi sendo substituída por uma natureza inteiramente humanizada” Santos (1997). O ecoturismo como uma categoria do turismo de natureza apresenta ainda segundo Santos uma pretensão em seu discurso: Ter à capacidade de: “socializar a natureza e naturalizar o homem”

Já para Enrique Leff essa perspectiva se dá basicamente pelo entendimento de Santos apontado no parágrafo anterior “A perspectiva economicista privilegia o livre mercado como mecanismo para internalizar as externalidades ambientais e

para valorizar a natureza, recodificando a ordem da vida e da cultura em termos de um capital natural e humano" (Leff, 1999: 123).

Nesse sentido em última analise a evolução dessa relação entre homem e natureza não mais pode ser feita de maneira fragmentada. O homem interage com os sistemas naturais degradando-os de diversas formas. "Porém a natureza não pode ser destruída e sim modificada em seu padrão de organização" (McKibben, 1990 *apud* Camargo; Guerra 2007).

Parafraseando Fritjof Capra extraímos como proposta de entendimento da relação sociedade natureza o pensamento sistêmico, baseado na observação da natureza que se desprende da visão Newtoniana – Cartesiana. Segundo Capra

> As propriedades das partes não são intrínsecas, mas podem ser entendidas apenas dentro do contexto do todo. Como explicar as coisas em termos dos seus contextos significa explicá-las em termos dos ambientes que as circundam, todo pensamento sistêmico é um pensamento ambiental (Capra, 2006: 49).

Com efeito, o turismo de natureza entendido de maneira fragmentada e não sistêmica e explorado como fenômeno puramente economicista e sem um modelo de planejamento adequado pode ocasionar uma serie de impactos negativos ao meio natural no qual a prática se desenvolve. Bastian e Roder (1998) discutem as alterações na paisagem promovidas tanto pelo homem quanto por causas naturais e afirmam que em contraposição as alterações naturais, o homem produz impactos negativos tais como: desmatamento, atividades agrícolas, industrialização e urbanização. E apontam que a desestabilização dos balanços naturais faz agravar os efeitos irreversíveis na natureza. Como sintetizou Fritjof Capra

> Não é exagero dizer que a sobrevivência da humanidade vai depender da nossa capacidade, nas próximas décadas, de entender corretamente esses princípios da ecologia e da vida. A natureza demonstra que os sistemas sustentáveis são possíveis. O melhor das ciências moderna está nos ensinando a reconhecer os processos pelos quais esses sistemas se mantêm. Cabe a nós aprender a aplicar esses princípios e criar sistemas de educação pelos quais as gerações futuras poderão aprender os princípios e aprender a planejar sociedades que os respeitem e aperfeiçoem (Capra, 2006: 57).

Analisando a expansão urbana como exemplo de impacto social frente à natureza, a falta de planejamento aliada a produção do espaço e ocupações territoriais desordenadas tem refletido em problemas para gestores e populações de baixa renda por quase todo Brasil. Esse processo de ocupação desordenado gera desordem e caos em espaços que contemplam abrigar apenas aspectos naturais e que são suprimidos por moradias e outros formatos de ocupação.

Acredita-se que a aproximação sociedade natureza tende ao retorno ancestral. Onde o homem organizado auxiliava a conservação e retirava da natureza seu sustento e de sua família numa relação de interdependência, sobretudo pela sobrevivência. Layrargues aponta o caminho quando afirma: “não se trata apenas de estabelecer uma nova relação entre os humanos e a natureza, mas dos humanos entre si, e destes com a natureza” (Layrargues, 2006: 73).

Por fim apesar de complexa, a relação sociedade natureza, continuará coexistindo. Nesse sentido, o pensamento do filósofo Descartes “Penso, logo existo”, serve como medida de contenção e balizamento desse relacionamento. A existência e principalmente a manutenção desse modelo de sociedade é insustentável. Uma nova sociedade precisa ser gestada, nascer, crescer e se desenvolver ampliando os valores de respeito e heterogeneidade para com os semelhantes e a natureza. “A lição para as comunidades humanas é óbvia. O conflito entre economia e ecologia surge porque a natureza é cíclica, enquanto os processos industriais são lineares” (Capra, 2006: 54). Para Capra este é o recado.

Ecoturismo, discussão dos impactos ambientais e o foco na preservação dos ambientes naturais

A prática turística vem ocupando cada vez mais um lugar de destaque na vida das pessoas. Com o advento e a ascendência das classes conhecidas como C e D ao consumo o fenômeno turístico se expande constituindo-se muito mais que uma simples atividade de lazer. O turismo é alçado a necessidade humana de fuga do cotidiano em busca de tranqüilidade. As áreas naturais nesse sentido representadas pelas categorias de ecoturismo e turismo de aventura ganham destaque e crescem vertiginosamente reproduzindo o turismo de massa da dos anos

1970, porém com algumas capilaridades. A seguir a proposta é conceituar essas categorias frente às atividades esportivas.

Como desdobramento do fenômeno turístico a partir da Eco 92 realizada no Rio de Janeiro no ano supracitado e resgatando os movimentos da contracultura e ambientalista das décadas de 60 e 70 respectivamente, o ecoturismo surge no cenário nacional em meio as discussões de desenvolvimento e sustentabilidade, como um movimento de turismo que nasce em detrimento ao turismo de massa e logo é valorizado pela sociedade elitista que passa a empreender viagens á natureza como pratica de consumo aliado a conservação . Só mais tarde nos anos 2000, os impactos negativos começam a ser debatidos por pensadores de diversas ciências que denunciam a falta de planejamento adequado como principal fator de degradação ambiental.

Alguns autores como Leonardo Boff (1993; 1994; 1997) apontam que a crise do paradigma civilizacional da contemporaneidade é forte fator de aproximação do homem com a natureza. Com isso estar em contato com a natureza revela-se imperiosa motivação de consumo capitalista e tem colaborado para a expansão do fenômeno turístico no século XXI, em especial a categoria ecoturismo. Alguns fatores podem indicar as causas dessa aproximação cada vez maior aos espaços de natureza.

- Desilusão do paradigma racional da modernidade;
- O culto a natureza;
- Ultrapassar a razão como única forma de entendimento do real;
- Conscientização e sensibilização frente às questões ambientais.

Sobre este ultimo indicativo gostaria de fazer algumas considerações sobre o que se convencionou apontar como sensibilização e conscientização a partir do ideal da sustentabilidade que nos apresenta Capra “A sustentabilidade das diferentes populações e a sustentabilidade de todo o ecossistema são interdependentes. Nenhum organismo individual pode existir isoladamente” (Capra, 2006: 52). Isso se replica a partir da busca de experiência que o turismo proporciona ao homem na natureza, em especial na categoria do ecoturismo.

Esse olhar sobre a natureza visa incentivar por parte da sociedade numa visão sistematizada um movimento contínuo de respeito e cuidado contido no interior da relação homem x natureza. Para além, deve ser encarado com responsabilidade numa junção de direitos e deveres a partir dessa produção do espaço na natureza, sempre objetivando a minimização dos impactos em todas as ações e promovendo a interação sem degradação.

Isto posto, é notável que ao se relacionar com a natureza a sociedade transmite aos espaços naturais todo o ônus do consumo. Ou seja, ela não pretende se desvencilhar de suas praticas sejam elas de lazer, ocupação desordenada, degradação e espera que a natureza faca sua parte remontando as sociedades primitivas. Evidentemente não se trata de uma relação de dualidade, tendo em vista, o poder na sociedade consumista atual.

Trata-se, portanto de uma via de mão única e que acarretará certamente em prejuízo incalculável as próximas gerações. Não se espera conscientizar a sociedade sem promover a sensibilização, onde se compreende de maneiras oposta tais terminologias. Acredita-se que conscientizar baseia-se em imprimir uma nova consciência, isso se traduz numa mudança profunda de hábitos e atitudes impressos no consumismo exacerbado e na permissão do ter sem limite. No querer quase infinito e no poder sem escrúpulos.

De outro lado, sensibilizar pode-se traduzir em transformação através do sentir, das experiências dolorosas e do limite forçoso. Onde a falta demonstra o sentimento de perda e isso é fundamental a essa relação. A sociedade precisa compreender que a manutenção desse sistema atual de consumo e desenvolvimento estabelece um cenário futuro cheio de incertezas e reprodução das injustiças atuais.

No entanto, o Turismo como movimento de deslocamento e relações sociais, em última análise apresenta uma série de questionamentos que sugerem reflexões. Destaque para a categoria do ecoturismo como segmento do turismo de natureza. Muito da falácia positivista dessa categoria do turismo é contestável. Não existem indicadores positivos confiáveis e os negativos saltam aos olhos.

Exemplos de indicadores biofísicos negativos são mensuráveis apenas em uma rápida observação nos atrativos de ecoturismo. Exemplos: Resíduos sólidos,

animais estressados, paredes pintadas com corretor (Branquinho), galhos de arvores quebrados, contaminação da água de rios e córregos por sabonete ou detergentes, dentre outros impactos negativos.

Os impactos positivos em contrapartida do ecoturismo se limitam à diversificação da economia local e regional, geração de empregos, fixação da população no interior, melhoramento da infra-estrutura básica de saneamento e transportes, melhoria de equipamento de áreas protegidas. Isso tem sido observado segundo o Ministério do Meio Ambiente. Porém, os impactos negativos ainda se sobrepõem aos positivos e segundo Boo (1995) "Por isso muito ainda se discute sobre o real potencial da atividade ecoturistica em conservar a diversidade biológica e cultural para um modelo de desenvolvimento sustentável".

É aventura e pode ser turismo, Ou, nunca foi turismo porque aventura é esporte?

Subentende-se que atividades de aventura caracterizam-se por intrinsecamente apresentarem uma série de riscos e desafios controlados. É fato que o praticante se expõe em busca de sentimentos como: superação de limites, adrenalina, medo, que são elementos condicionantes dessa categoria de turismo na natureza. Porem o que é esporte? E o que é turismo de aventura? Basicamente os dois se limitam por uma linha tênue, a competição.

Turista não é atleta e não pode ser tratado como tal. Já o atleta precisa ser e ter respaldo de suas conquistas dentro da atividade. Mas como ordenar essas questões em detrimento de uma prática saudável de turismo de aventura e de uma prática esportiva envolvendo e baseada na competitividade?

Embora complexa essa tarefa é factível. Vejamos o caso da atividade de rafting que é inerente a ambas as conceituações. O rafting é um dos produtos da categoria de turismo de aventura. Para a prática da atividade no turismo não há a necessidade de possuir nenhum suporte de experiência por parte do turista. Já o condutor está condicionado a uma série de treinamentos e experiência comprovada em descida de Rios. Precisa ser experiente. Esta descida é planejada. O turista recebe orientações de como se portar no barco, vestimenta adequada, orientação

básica da técnica de remar, é orientado acerca dos riscos e decide se participa ou não da experiência que pretende consumir. Ainda na sua residência antes mesmo de se deslocar até o atrativo. Enfim puro prazer e experiência para guardar para o resto da vida. Nada mais!

> outra proposição conceitual é a dos “esportes na natureza”. Essa proposta concentra-se em descrever o esporte como uma prática que estabelece relações intersubjetivas com a natureza, a fim de extrair prazer dessa interação. E na medida em que a própria natureza é apontada como uma das suas motivações principais, seus simbolismos são permeados por uma espécie de mitologia do reencontro com a natureza selvagem. Pode-se perceber que estamos diante de uma indicação próxima daquela pretendida pelo conceito de “esportes de deslize” ou “esportes ao ar livre”. Aliás, um tanto próximo também da conceituação que opera com o termo “esporte de aventura” (DIAS, C.A. G, 2007 p.9)

Por outro lado, O atleta passa boa parte de seu tempo dentro do Rio. Conhece os perigos e riscos da atividade e foi treinado para ignorá-los em nome da competitividade. Ou seja, enfrentar esses riscos é inerente também ao atleta. Porem em níveis muito mais desafiadores e que exigem determinado treinamento e grau de especificidade oposto ao turismo. Enfim, um atleta entra na água para competir. O turista entre opta por tal atividade entre outros fatores, por prazer e para se divertir!

> grosso modo, ao falarmos do conceito de esportes na natureza estamos falando então de um conjunto de modalidades cuja posição dentro do espaço esportivo mais geral corresponde a um jogo regulamentado realizado na natureza e assentado na proeza física, em que níveis variáveis de seriedade e ludicidade, cooperação e competição, amadorismo e profissionalismo, sensibilidade e insensibilade ecológica, intervêm simultaneamente, variando de acordo com a especificidade da atividade, mas sem nunca escapar a esse esquema geral. Tal definição diz respeito, portanto, ao fenômeno social mais geral e não se restringe a técnica corporal. (DIAS, C.A.G,2007 p.28)

Com efeito, a partir da incorporação do termo aventura no turismo a terminologia radical que antes acompanhava e caracterizava as atividades que envolviam riscos foi descaracterizado levando em consideração que os participantes das atividades da categoria de turismo de aventura não possuem familiaridade com os riscos apesar de fazerem parte da atividade. Ricardo Uvinha apresenta uma justificativa para essa exclusão:

> o termo “radical” nesses esportes vem sendo associado, tanto na literatura acadêmica como em senso comum, a outros como “de aventura”, “de natureza”, “de verão”, “outdoor”, “extremos” e “alternativos”. Parece haver uma tentativa de fugir do termo radical nessas atividades buscando uma conotação mais light para a sua prática, sob pena de perder um público não familiarizado ao risco, certamente presente em tais modalidades. Em nosso entendimento, todas as distintas atribuições ao termo “radical” verificada anteriormente em muito se aproximam e podem ser entendidas como sinônimos, já que, em tese, mostram-se praticamente idênticas. Se verificarmos na literatura estrangeira especializada, academicamente, tanto a palavra “radical” como os demais termos anteriormente mencionados aparecerão sem significativas distinções (UVINHA, 2005, p. 437).

Por fim, categorizar esporte e turismo de aventura, é primordial. Principalmente para os atletas tendo em vista os avanços proporcionados pela lei Pelé. Para o turista vale ressaltar que as técnicas empregadas na categoria de turismo de aventura não os credencia a prática solitária da atividade, mas visa o encontro com os limites e desafios e a proposição de contato com os ambientes naturais promotores do segmento de turismo de natureza.

Considerações finais

A relação sociedade e natureza na contemporaneidade têm na aproximação e interconectividade seu aspecto mais marcante. Pois ao retornar a natureza, o homem remonta sua ancestralidade e se (re) conecta com suas raízes. A partir dessa experiência o homem é capaz de promover a proteção em detrimento da degradação, tão comumente presenciada na sociedade de consumo.

Outro aspecto a ser ressaltado, é a distorção do discurso da sustentabilidade no imaginário social, partindo apenas do aspecto de promoção tão somente dos efeitos positivos em detrimento e por vezes ocultando os impactos negativos. Sabemos que o turismo se mostra como agente promotor de profundas transformações em ambientes naturais. Nesse sentido as tentativas de sensibilização e conscientização debatidas no texto propõem elucidar algumas duvidas sobre quem sensibilizar? No processo de transformação paradigmática da sociedade.

Para além, um breve discurso acerca das diferenças entre esporte e turismo de aventura visa permitir aos promotores dessa categoria de turismo de natureza e

aos atletas o referido debate em respeito às suas praticas. Vale reforçar, que turista não é atleta (Mas pode se tornar) e atleta não é turista (Mas pode vir a ser). Porém é relevante que essas duas categorias da sociedade possam coexistir e auxiliar-se mutuamente no diálogo pela preservação dos espaços naturais. A discussão dos impactos negativos e positivos no turismo como um todo a partir de todos os segmentos é salutar. Não quero aqui com esse artigo findar esses debates, mas estimular a reflexão sobre que modelo de turismo se está semeando para o futuro. Para tanto é necessário reconhecer equívocos e apontar soluções. Esse é o turismo que queremos!

Referências Bibliográficas

BOFF, L. **Ecologia, Mundializacão e Espiritualidade**. Rio de Janeiro, Ática, 1993.

_____. **A Nova Era. Civilização planetária.** Rio de Janeiro, Ática, 1994.

_____. **Grito da Terra, Grito dos Pobres.** Rio de Janeiro, Ática, 1997.

BOO, E. **O planejamento ecoturistico para as Áreas Protegidas.** In: **Ecoturismo: Um guia para planejamento e gestão.**, São Paulo, SENAC 1995, pp. 31-58.

CAMARGO, L.H.R; GUERRA, A.J.T. A geografia da complexidade: Aplicação das teorias de Auto – Organização do espaço geográfico In: **Contribuições a história e a epistemologia da geografia**/ Antonio Carlos Vitte (Org),- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 294p.

_____. **A ruptura do meio ambiente: Conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: A geografia da complexidade**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 240 p.

CAPRA, F. Falando a linguagem da natureza: Princípios da sustentabilidade. In STONE, M.K.; BARLOW, Z. (orgs.). **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006 (p. 46-57).

DIAS, C.A.G. **Notas e definições sobre lazer, esporte e natureza.** Grupo de pesquisa ANIMA, Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S.de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambien**tal. São Paulo: Cortez, 2006 (pp71-103).

LEFF, E. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In REIGOTA, Marcos. (org.). **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 (p.111-129).

LOVELOCK, J. Gaia: Um modelo para a dinâmica planetária e celular. In: THOMPSON, W.I (Org) **Gaia, uma teoria do conhecimento.** São Paulo: Gaia, 1990, pp. 77 - 90.

MC KIBBEN, B. **O fim da natureza**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEABRA, L. Turismo sustentável: Planejamento e gestão – In **A questão ambiental: diferentes abordagens**/ Sandra Baptista da Cunha, Antonio Jose Teixeira Guerra (Orgs), -5 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 250p

SILVA, C.A.; PEREZ FILHO, A. Geografia, turismo e análise sistêmica In: **Contribuições a historia e a epistemologia da geografia**/ Antonio Carlos Vitte (Org), - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 294p

SIMMONS, I.G. **Interpreting nature: Cultural construction of the environment**. Londres; Nova York, 1993.

SHELDRAKE, R. **O renascimento da natureza: O reflorescimento da ciência e de Deus,** 10 Ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

CUVINHA, R. R. Esportes radicais e Turismo: Análise conceitual. In: TRIGO, L.G.G (Org) **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005, p. 437 - 447.